

A PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA DE MULHERES BRASILEIRAS: emergências, violências e insurgências

Andressa Lidicy Morais Lima¹

GPS-UFRN; CAJU-UnB: <https://orcid.org/0000-0002-2232-0799>

Lorena Lima de Moraes²

UFRPE-UAST: <http://orcid.org/0000-0002-8656-2412>

DOI: <https://doi.org/10.21680/1982-1662.2020v3n28ID22562>

A pandemia de Covid-19, causada pelo novo coronavírus ou SARS-CoV-2 desenha um cenário inesperado não só no campo epidêmico-biológico, mas no que concerne aos diagnósticos sociais, nos desafia a compreender seus desdobramentos em diversos âmbitos da vida. Evidente que muitos de nossos hábitos, formas de convivência, padrões culturais, bem como valores morais estão afetados pela experiência pandêmica em curso no mundo. Estamos diante de impactos econômicos, culturais, históricos e políticos que não se estabelecem de forma igualitária para os diversos grupos sociais, entre eles, as mulheres.

Nesse sentido, o Dossiê “A pandemia de Covid-19 na vida de mulheres” buscou reunir reflexões, análises teóricas, etnográficas e auto-etnográficas a fim de retratar questões específicas que abarcam as vidas das mulheres brasileiras diante de uma crise repentina que assola os serviços de saúde, o sistema educacional, a saúde física e mental, a economia - com seus modos de produção e consumo, a convivência familiar, as relações e condições de trabalho, as relações afetivas, a divisão sexual do trabalho, a liberdade, o deslocamento, os modos de vida e, sobretudo, as subjetividades.

Considerando que as mulheres são diversas e não compartilham das mesmas experiências de vulnerabilidade, opressões e violências, foi possível reunir estudos sobre esses diferentes lugares sociais ocupados por elas, em sua pluralidade, inclusive postulando a autoria das mulheres como analistas de tais fenômenos. Os textos reunidos no presente Dossiê partem de referências feministas que recorrem aos diversos feminismos para contestar os lugares das mulheres na sociedade em

¹ Email: andmoraislima@gmail.com

² Email: lorena.moraes@ufrpe.br

condições de subalternidade regida pela cultura patriarcal associada e agravada pelo racismo estrutural, privilégios de classe, de locais de moradia e normatizações de gênero e sexualidade, que violentam as subjetividades e corpos. Por outro lado, as autoras, em seus escritos, demonstram perceber que o(s) feminismo(s) também embasa(m) estratégias que permitem às mulheres não sucumbir a tais opressões, conforme defendia a feminista decolonial María Lugones (2014).

Sabemos que ao denunciar a dominação masculina, estamos fazendo uma afirmação insurgente, feminista, e portanto, neste Dossiê encontram-se também os modos práticos pelos quais um conjunto de mulheres se rebelam diante de evidentes assimetrias, construindo pontes, projetos e insurgências. Nesse sentido, o feminismo enquanto uma teoria social evoca uma compreensão mais minuciosa acerca da relação entre a subordinação de mulheres à esfera privada e sua não presença na esfera pública. Por outro lado, é correto dizer que há uma efervescência feminista e antirracista presente na esfera pública brasileira que faz com que mulheres em situação de vulnerabilidade recorram às redes de apoio e articulação política produzindo novas experiências para si e para outras, dito de outro modo, atuando em rede e construindo esferas públicas contrahegemônicas (MORAIS-LIMA, 2017). Fartamente encontramos nos textos deste Dossiê exemplos de como essa relação se mostra presente na vida de mulheres, no entanto ainda mais notável é o quão tal expressão se apresenta nítida com a crise sanitária, desaguando em situações como a baixa produção científica de mulheres, os maiores índices de desemprego e vulnerabilidade econômica ou, de modo mais cruel, a intensa violência doméstica.

A Covid-19 no Brasil alcançou hoje, 31 de agosto, 121.515 óbitos registrados e mais de três milhões de casos confirmados (3.910.901), com isso o país registrou 619 mortes por Covid-19 em 24 horas. Embora a média móvel tenha apresentado queda quando comparada com o pico em 20 de maio deste ano, com 804 mortes em 24 horas, ainda é uma pandemia de proporções elevadas, cuja vulnerabilidade das mulheres negras, grupo social que corresponde a 56% da população brasileira, é alarmante. O estudo divulgado pelo Instituto Pólis investigou a mortalidade por Covid-19 com base no recorte de gênero e raça, numa amostra referente ao estado de São Paulo, e apontou que entre as mulheres negras a taxa de mortes aumentou para 140 por 100 mil habitantes, enquanto entre as mulheres brancas o indicador é

de 85 mil mortes por 100 mil habitantes³. Outro estudo que merece atenção foi realizado pelo Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro⁴ onde afirma-se a partir da análise de 30 mil casos de Covid-19 que pessoas negras morrem mais que pessoas brancas, o que corresponde a 54,8% da amostra que foi realizada a partir de dados coletados junto ao Ministério da Saúde.

Concordamos que a pandemia de Covid-19 expõe e intensifica desigualdades sociais antes já vivenciadas, além de provocar reconfigurações nas formas de sociabilidade e convivência entre as pessoas. E, no que se refere à convivência, percebemos em um extremo mulheres sobrecarregadas com a dinâmica da família nuclear (quicá heterossexual) que implica no trabalho doméstico e de cuidado ininterrupto e pouco compartilhado, e no outro extremo, mulheres que estão passando a pandemia na solidão, sem ou com rede de apoio limitada. Entre esses extremos temos uma série de arranjos familiares que também têm sobrecarregado as mulheres, apontando para a certeza de que todas as pessoas necessitam de cuidado. E o trabalho de cuidado que nos é ensinado desde criança, seja através de brincadeiras ou diante da necessidade de aprender este ofício para suprir as demandas dos irmãos mais novos, se aperfeiçoa, introjeta-se em nossas subjetividades, se reproduz, se mercantiliza, sempre nos condicionando às expectativas sociais ao ponto de naturalizar-se e então, nos oprimir.

É esta responsabilização do cuidado atribuído quase que exclusivamente às mulheres que as colocam em condições de submissão e de desigualdade numa sociedade que não percebe o cuidado como uma responsabilidade do Estado e necessária a todas as pessoas, independente da idade, da condição de saúde e do gênero. Todas/es/os nós precisamos de cuidado e devemos cuidar! Joan Tronto (1987) chama atenção para a ideia capitalista e, portanto, individualista que prevê os atores sociais como seres autônomos, iguais e irracionais, defendendo a ideia de interdependência ao argumentar que cada pessoa demanda um cuidado específico e também é capaz de oferecer o cuidado a partir de diferentes maneiras. A sobrecarga de cuidado e trabalho doméstico é um dos efeitos mais imediatos da pandemia e

3 Ver: < <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-08/mortalidade-por-covid-19-e-maior-entre-populacao-negra-em-sao-paulo> >. Acesso: 13/08/2020.

⁴ Ver: < <https://sites.google.com/view/nois-pucrio> >. Acesso: 15/08/2020.

pode ser confirmado através da pesquisa “Sem parar: o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” realizada pelas organizações Gênero e Número em parceria com a Sempre Viva Organização Feminista⁵. A referida investigação contou com 2.641 respondentes e atestou que 50% das mulheres passaram a cuidar de alguém desde o início da pandemia no Brasil. Além disso, 58% das brasileiras desempregadas são negras e 41% das mulheres que conseguiram se manter trabalhando na pandemia recebendo salário afirmaram que passaram a trabalhar mais na quarentena.

Não obstante, a medida protetiva de distanciamento social pode gerar sentimentos de medo e insegurança no contexto social, para mulheres esse medo pode envolver desde experiência de maus-tratos, violência física, sexual, patrimonial, moral. Mas, há ainda à espreita a insegurança afetiva e financeira e, nesse sentido, são as mulheres negras aquelas que estão mais expostas a situações de instabilidade econômica, sendo consideradas aquelas que experimentam o desemprego em maior número e ocupam os postos de trabalho de menor valorização e remuneração. Tais fatores podem ainda interferir para o aumento de experiências de sofrimento psíquico, maior sensação de pânico, medo e ansiedade em decorrência de uma sobrecarga elevada de trabalho somada com o estresse de uma vida preenchida de tarefas. Ao que parece, o vírus não quebrou estruturas sociais, mas as intensificou, mostrando com maior nitidez o quão mais desiguais e opressoras elas podem ser. Diante de tais desafios, apresentamos um Dossiê com dez artigos científicos com produções e colaborações as mais diversas sobre aspectos distintos da pandemia sobre a vida das mulheres.

Parafraseando a antropóloga Denise Pimenta (2017), especialista em estudos sobre epidemias, ao afirmar que “o ebola é uma doença do cuidado”, nestes tempos, não é estranho afirmamos que “a Covid-19 é uma doença do cuidado”. Ora, a estrutura social que reproduz um padrão desigual de comportamento e aceitação para gêneros inclui uma percepção de que as atividades e responsabilidades sobre a gestão de cuidados estão tabuízadas na forma feminina. São as mulheres que estão na linha de frente do cuidado, seja no espaço público das atividades profissionais de saúde como a enfermagem, assistência social ou limpeza e organização de espaços, assim como são elas as responsáveis pela gestão e cuidados no espaço privado, no

5 Ver: <http://mulheresnapandemia.sof.org.br/> . Acesso: 15/08/2020.

ambiente doméstico, cujas atividades de cuidado incluem uma redobrada e contínua responsabilidade com tarefas de gestão dos outros - filhos, netos, maridos e toda a parentela. Se o ambiente escolar tornou-se remoto, a gestão das atividades junto às crianças é em sua maioria responsabilidade de mulheres, se um parente adoecer são elas, em grande maioria, as responsáveis por prover toda a assistência de higienização do corpo, limpeza da casa, assepsia das vestes, das compras, assim como providenciar alimentação, administrar os horários e as quantidades de medicamentos e, mesmo assim, ao realizar um sem fim de tarefas essenciais, a casa é ainda um lugar inóspito para essas mulheres em face do aumento da violência de gênero⁶.

Neste cenário de proporções transnacionais a Organização das Nações Unidas informa que as mulheres e meninas em escala global vêm continuamente sofrendo com experiências de violência e abuso desde o início da pandemia. Conforme pronunciamento do chefe da ONU, António Guterres “A combinação de tensões econômicas e sociais provocadas pela pandemia, bem como restrições ao movimento, aumentaram dramaticamente o número de mulheres e meninas que enfrentam abusos, em quase todos os países”⁷. Durante a pandemia, os números relacionados aos casos de violência doméstica devido ao isolamento social são expressivos dessa violência de gênero. No Brasil, em março de 2020, início da medida protetiva de isolamento, imposta pela pandemia, as denúncias recebidas no Disque 180 cresceu 40% em relação ao mesmo período do ano de 2019, segundo dados divulgados pelo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMDH). Além disso, para a Organização Mundial da Saúde (OMS), mulheres que sofrem com abusos físicos ou sexuais têm duas vezes mais chances de fazer um aborto, significativo também é que dessa experiência quase dobra a probabilidade dessas mulheres caírem em depressão. Assim como, aumentam em 2,3 vezes mais as chances de mulheres agredidas sexualmente apresentarem um consumo abusivo de álcool. Portanto, quando colocamos em primeiro plano tais dados desejamos que as reflexões contidas neste Dossiê, que se propõe um exercício analítico sobre um fenômeno em curso, ganhem preeminência na agenda pública, alcance um conjunto plural de agentes

6 Ver: <https://radios.ebc.com.br/tarde-nacional/2020/06/violencia-domestica-aumentou-durante-pandemia>. Acesso: 15/08/2020.

7 Ver: <https://nacoesunidas.org/chefe-da-onu-alerta-para-aumento-da-violencia-domestica-em-meio-a-pandemia-do-coronavirus/> . Acesso: 16/08/2020.

sociais e a partir disso possa cultivar um maior exercício de debates públicos e políticos a respeito de tais impactos que a pandemia tem impregnado na vida das brasileiras. A pandemia de Covid-19 não é uma ficção, e esse conjunto analítico expõe de forma contundente os problemas públicos concretos com os quais temos de lidar nesse momento e que por ela foram agravados.

Antes de apresentar os artigos que compõem o Dossiê “A pandemia de Covid-19 na vida das mulheres”, gostaríamos de lembrar das mulheres estudantes/professoras/intelectuais que nos escreveram, e também aquelas que não conhecemos ou não tivemos oportunidade para tal contato, manifestando interesse de submeter artigos para a nossa proposta, mas foram impedidas pelas consequências desta pandemia que ainda se encontra em curso e se soma à instabilidade econômica e política na qual estamos passando no Brasil. Se não é uma prática comum fazer dedicatória de volume de revista acadêmica e científica, ousamos quebrar o protocolo para dedicarmos este Dossiê a todas as mulheres que desejaram construir esta publicação conosco, mas não tiveram as condições básicas e necessárias para a dedicação à escrita, seja porque o trabalho doméstico e de cuidado tem estado ainda mais pesado, sem as instituições de ensino e as redes de apoio para compartilhar; seja porque o trabalho *home office* que ultrapassa todas as noções de espaço e de tempo limita a concentração e criatividade, assim como a insegurança econômica; seja porque esses tempos tem afetado a saúde mental de muitas pessoas - principalmente de mulheres lésbicas e transexuais; seja porque foram contaminadas pelo vírus ou passaram a cuidar de pessoas com sintomas da doença; seja porque perderam pessoas próximas; ou porque estiveram dedicando tempo e energia às campanhas solidárias, enfim, as justificativas são várias e apresentam um retrato profundo do nosso país... Nesses tempos, escrever, produzir e publicar tem sido mais um privilégio que entrecruza gênero, raça, classe e número de filhos, sendo as mães negras docentes ou pós-graduandas aquelas que tiveram a sua produtividade acadêmica mais afetada durante a pandemia (PARENT in SCIENCE, 2020).

Para todas as mulheres, em especial às mulheres negras que estão no topo dos índices de mães solas (61%)⁸, do desemprego, além de conviver com a destruição de

8 De acordo com Vitória Régia da Silva (2020), as mulheres chefes de família correspondem mais de 11 milhões de brasileiras, sendo 61% de mães solo negras e destas, 63% estão abaixo da linha da pobreza. Elas estão diante de maior restrição às condições adequadas de moradia, saneamento básico e acesso a internet. A pandemia, ao reorganizar as dinâmicas de trabalho dando preferência para o

mentalidades e corpos provocados pelo racismo estrutural, o Dossiê “A pandemia de Covid-19 na vida das mulheres” é dedicado a todas vocês!

A chamada de artigos para este Dossiê previa dois eixos centrais de produção intelectual: a pandemia e as mulheres. Contudo, é válido ressaltar que a exaustão das mulheres ante o trabalho doméstico e de cuidado na vida pandêmica foi a temática mais abordada considerando todos os artigos que recebemos (foram submetidos em torno de trinta manuscritos). No entanto, a nossa intenção era abarcar as diferentes emergências, violências e insurgências vivenciadas pela diversidade de mulheres brasileiras diante deste contexto inusitado no qual estamos vivendo. Julgamos que nosso objetivo foi alcançado com sucesso, materializado através da qualidade e pluralidades das temáticas, além de abarcar contextos de norte a sul do país.

O Dossiê é aberto com o texto da professora Letícia Carolina P. Nascimento (UFPI) em **Eu não vou morrer: solidão, autocuidado e resistência de uma travesti negra e gorda para além da pandemia**, onde apresenta em formato de manifesto a sua experiência com o objetivo de compreender como as dimensões da solidão, autocuidado e resistência perpassam as corporalidades e subjetividades travestigêneres e/ou negras e/ou gordas através da cartografia social, que lhe permite visualizar uma encruzilhada de vulnerabilidades que conformam a sua existência.

O artigo de Carla Ramos (UFOPA), **Para uma pandemia, um repertório de feitiço. Silêncio! O velho é o dono do mundo**, trata-se de uma “descrição auto-etn(Ori)gráfica” sobre a sua experiência enquanto mulher negra e professora universitária na região Norte do país, apresentando repertórios de ação política para a proteção de sua comunidade, recorrendo a ferramentas analíticas presentes e em operação no interior de algumas concepções filosóficas das comunidades tradicionais de Terreiro.

Márcia Bastos de Araújo (PUC-RJ), no artigo **Covid-19 nas favelas cariocas: a resistência decolonial das mulheres de Rio das Pedras no enfrentamento da pandemia** destaca as práticas cotidianas das mulheres da comunidade Rio das Pedras

trabalho em casa e chamadas de vídeo, aprofunda a desigualdade racial uma vez que impacta diretamente na fonte de renda das mães solo negras.

(RJ) visibilizando as resistências políticas traduzidas pela auto-organização na luta pela sobrevivência coletiva na favela à luz das reflexões do feminismo decolonial. Notem que a autora oferece uma descrição contundente sobre as insurgências que tais mulheres realizam em seus contextos de mobilização, sem romantizar o trabalho de cuidado, Bastos coloca em perspectiva um conjunto de práticas de resistência, mobilização e solidariedade entre mulheres que compartilham uma luta comum em Rio das Pedras: ter na favela um lugar legítimo para viver e morar com dignidade.

Em **Mulheres lideranças rurais, participação política e trabalho de cuidado durante a pandemia de Covid -19**, Lorena Lima de Moraes, Shana Sampaio Sieber e Juliana Funari (UFRPE-UAST) refletem sobre o trabalho das lideranças rurais na mitigação da disseminação do coronavírus em suas comunidades, que perpassa por estratégias políticas e comunitárias de cuidado e autocuidado visando a sobrevivência e sustentabilidade da vida no mundo rural. Para pensar o trabalho de participação política das mulheres lideranças rurais, as autoras recorrem às lentes de diversas teorias feministas para refletir sobre *o fazer e o sentir política* das mulheres negras e rurais que vivem em comunidade, demonstrando que a política deve passar pela esfera do cuidado e o cuidado deve embasar todas as relações sociais.

Já Hayanne Barbosa e Irene Alves Paiva (UFRN) no artigo intitulado **Interseccionalidades: categorias articuladas a experiências de trabalhadoras em contexto de pandemia de Covid-19** abordam as rotinas de trabalhadoras do ramo têxtil antes e durante a pandemia. As pesquisadoras investigam, a partir de uma perspectiva interseccional, de que maneira a pandemia modificou as rotinas de trabalho e deslocamentos pendulares das trabalhadoras da comunidade rural de Capela (Ceará-Mirim/RN), uma vez que, antes da pandemia saiam de sua comunidade para o chão da fábrica e com a chegada da pandemia - e antecipação de férias - o trabalho da fábrica foi substituído por atividades e cuidados que fazem parte do trabalho doméstico. Tais mudanças sugerem mudanças sobre percepções de autonomia, papéis generificados e relações racializadas no interior da comunidade.

No artigo **Cuidado, branquitude e interdependência** de Daniela Dalbosco Dell'Aglio e Paula Sandrine Machado (UFRGS) abordam a dimensão do cuidado a partir da categoria “branquitude”. De forma instigante as pesquisadoras fazem uma inflexão sobre as análises baseadas na divisão sexual do trabalho, sugerem para isso

desestabilizar os privilégios naturalizados pelas camadas médias ao renovar olhares sobre as diferenças na consolidação e manutenção de redes de apoio. A partir do conceito de “interdependência” lançam o desafio à branquitude para irromper padrões de consumo de grandes mercados, bem como adotar uma postura de maior comprometimento sobre as tarefas de cuidados e desestabilizar arranjos socialmente construídos que tendem a reproduzir estruturas de desigualdade de gênero, raça e classe na vida social.

Fernanda Abreu, Fernanda Marques (UERN) e Ilidiana Diniz (UFRN), no artigo intitulado **Divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres no contexto da pandemia da Covid 19**, as autoras refletem sobre a desigual divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres com destaque para o contexto da pandemia da Covid-19, abordando a matriz produtiva e o lugar que as mulheres ocupam na sociedade, além de colocar luz sob o trabalho doméstico e de cuidado frequentemente invisibilizado.

Marina Solon, Mayara Araújo, Naiana Rodrigues e Márcia Vidal Nunes (UFC) apresentam no artigo intitulado **O trabalho de mulheres jornalistas durante a pandemia da covid-19: um estudo de caso dos reordenamentos produtivos no Ceará** reflexões acerca do trabalho de mulheres jornalistas no Ceará durante a pandemia de Covid-19 diante das adaptações em relação ao espaço, tempo, organização do trabalho doméstico e de cuidado familiar, além das desigualdades de gênero no meio jornalístico presentes antes mesmo da pandemia.

Em **“Fique em casa”: violência e terrorismo íntimo contra as mulheres em tempos de Covid-19** de Adriane Roso, Janine Gudolle de Souza, Caroline Matos Romio, Ana Flavia de Souza (UFSM), as autoras tecem reflexões acerca das intersecções entre violência contra as mulheres, relações de gênero e medidas de distanciamento social indicadas para evitar a propagação do coronavírus à luz das teorizações sobre a esfera pública e privada.

Em **A Covid-19 no território das mulheres prefeitas** de Cyntia Brasileiro (UERN), Terezinha Albuquerque (UERN) e José Silvan Borborema está em discussão a incidência do novo coronavírus na gestão das mulheres prefeitas do Nordeste do Brasil nos dois primeiros meses da pandemia e chama atenção para a necessidade da presença de mais mulheres na política institucional. Colocam em questão a máxima

de que a ação dos estados em resposta às demandas da população determina o sucesso no combate ao coronavírus, na maioria das situações. Mas, reconhecem, por um lado, a pandemia possui elementos muito particulares e, por outro, defender a inclusão de mais mulheres na política deve ser uma questão de justiça.

Mas não paramos por aí, além dos excelentes artigos que fazem parte do Dossiê, conversamos com **Flávia Biroli** sobre *O Anoitecer Feminista da Pandemia no Brasil*. Apresentamos uma *entrevista* inédita com a professora de Ciência Política da Universidade de Brasília, especialista em teoria política feminista e uma ávida pesquisadora contemporânea. Biroli é enfática em lembrar de que “os feminismos tiveram grande sucesso ao demonstrar que as relações de gênero são um problema político”. Isto reflete sobre as diferentes formas de desigualdade preexistentes conforme aponta, mas também traz outros desafios para serem vencidos.

Por fim, vocês poderão encontrar uma instigante *resenha* produzida por **Paulo Raposo** sobre o livro “Pandemia: COVID-19 e a reinvenção do Comunismo” do filósofo esloveno Slavoj Žižek. O texto intitulado “A reinvenção dos modos de Ser e Estar: efeitos de uma crise sanitária global” sumariza a interpretação do autor do livro sobre a pandemia de Covid-19 ao dizer que “ninguém mais está disposto a aceitar pestes como destino”.

Boa leitura!

Referências

LUGONES, María. **Rumo a um feminismo descolonial**. Estudos Feministas, 22, 3, 935-952. 2014.

MORAIS-LIMA, Andressa L. **Uma virada etnográfica no conceito de esfera pública**. In: VII Ciclo de Estudos em Ciências Sociais: Ciências Sociais em Tempos de Resistência da UFRN, 2019, Natal. Anais eletrônicos. Natal: UFRN, 2019. Disponível em:

https://issuu.com/viicesoufrn/docs/anais_do_vii_ciclo_de_estudos_em_ci_0bd8306_da734e3. Acesso: 28/08/2020.

PARENT in SCIENCE. **Produtividade Acadêmica durante a pandemia: efeitos de gênero, raça e parentalidade**. 2020. Disponível em: <https://327b604e-5cf4-492b->

910b-

e35e2bc67511.filesusr.com/ugd/0b341b_81cd8390d0f94bfd8fcd17ee6f29bc0e.pdf?index=true Acesso: 20/08/2020.

SILVA, VITÓRIA RÉGIA DA. **Um retrato das mães solo na pandemia**. 2020. Disponível em: <http://www.generonumero.media/retrato-das-maes-solo-na-pandemia/> Acesso: 21/08/2020.

TRONTO, Joan. Au-delà d'une Différence de Genre: Vers une Théorie du Care. In.: LAUGIER, Sandra; PAPERMAN, Patricia. (dir). **Le Souci des Autres**. Editions de l'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 1987.